

# Revista **EVOLUÇÃO**

Ano IV **37** Fev.  
n. 2023  
ISSN 2675-2573

**EDUCAÇÃO**

**COOPERAÇÃO**

**TRANSFORMAÇÃO**



Filiada à  
**ABEC**  
BRASIL  
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &  
workflow by  
OJS / PKP



[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

# Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 37 - Fevereiro de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (Angola):**

Manuel Francisco Neto

**Coordenaram esta edição:**

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

**Organização:**

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

**Colunistas:**

Isac dos Santos Pereira

Ana Paula de Lima

## AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Alecina do Nascimento Santos

André Luiz Dias Leite

Denise Teixeira Menezes

Elizabeth Hama Francisco e Luís Venâncio

Flavia Florencio de Farias

Jucira Moura Vieira da Silva

Juliana Godoi Marques

Leila da Silva Siqueira

Marlene da Silva

Mirella Clerici Loayza

Nair Dias Ramos

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Rita de Cássia Martins Serafim

Vera Lucia Meneses de Lima Marques

Vilma Cavalcante Sabino da Silva

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 37 (fev. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 152 p. : il. color

**Bibliografia**

Mensal

Vol. 1, n. 1 (fev. 2020)

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.37

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS: <https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.37>

**A**

São Paulo  
2023

#### Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

#### Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

#### Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima  
Andreia Fernandes de Souza  
Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Isac dos Santos Pereira  
José Wilton dos Santos  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

#### Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins  
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt  
Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza  
Profa. Dra. Denise Mak  
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
Profa. Mirella Clerici Loayza  
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara  
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

#### Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

#### Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva  
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira  
Prof. Me. José Wilton dos Santos

#### Edição, Web-edição e projetos:

Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Vilma Maria da Silva  
Lee Anthony Medrado

#### Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703  
Whatsapp: 55(11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)  
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)  
<https://primeiraevolucao.com.br>

#### Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>  
<https://pixabay.com>  
<https://www.pngwing.com>  
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições  
**Livro Alternativo**

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

#### PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

#### PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.  
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &  
workflow by  
OJS / PKP

Google Acadêmico



**[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)**

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

## 05 NOTA DO EDITOR

Prof. Antônio Raimundo Pereira Medrado

## 06 3º ANIVERSÁRIO DA REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

## 07 3 anos da Revista Primeira Evolução

Profª. Patrícia Martins da Silva Rede

## 08 comemoração dos três anos da Revista Evolução

Profª. Ana Paula de Lima

## 09 APRESENTAÇÃO

Profª. Dra. Andréia Fernandes de Souza

## 10 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

## 12 Refletindo sobre pessoas... aprendendo com elas

Ana Paula de Lima

## 13 Poema

Emanuelle Valverde

# ARTIGOS

1. AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS NO UNIVERSO INFANTIL Alecina do Nascimento Santos	15
2. MESTRE VITALINO E A ARTE EM BARRO André Luiz Dias Leite	23
3. REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO, ALGUMAS REFLEXÕES Denise Teixeira Menezes	35
4. TEORIAS PSICOPEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS Elizabeth Hama Francisco / Luís Venâncio	43
5. A MULHER NEGRA E CAPOEIRISTA EM LUTA PELO SEU PROTAGONISMO Flavia Florencio de Farias	55
6. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL Jucira Moura Vieira da Silva	69
7. A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO NOS PRIMEIROS ANOS DE ESCOLARIDADE Juliana Godoi Marques	77
8. UNIVERSO INFANTIL: UM OLHAR DO PSICOPEDAGOGO PARA A LITERATURA E SUAS NARRATIVAS Leila da Silva Siqueira	85
9. LUDICIDADE COMO RECURSO PEDAGÓGICO PRESENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL Marlene da Silva	93
10. O MODELO TEACCH COMO FACILITADOR DO TRABALHO PEDAGÓGICO Mirella Clerici Loayza	101
11. A FORMAÇÃO INTEGRAL DO CIDADÃO Nair Dias Ramos	111
12. CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DO APEGO NA EDUCAÇÃO Patrícia Mendes Cavalcante de Souza	119
13. TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E AS METODOLOGIAS ATIVAS Rita de Cássia Martins Serafim	129
14. A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA DE BEBÊS E CRIANÇAS NOS DIVERSOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL Vera Lucia Meneses de Lima Marques	137
15. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO CIDADANIA EM PRÁTICAS DE LETRAMENTOS Vilma Cavalcante Sabino da Silva	145

## O MODELO TEACCH COMO FACILITADOR DO TRABALHO PEDAGÓGICO

MIRELLA CLERICI LOAYZA

### RESUMO

O presente artigo visa lançar um olhar específico sobre o estudo do modelo TEACCH como instrumentalizador do ensino de crianças diagnosticadas não só com a Síndrome de Down, mas com outras síndromes que as colocam em situações de aprendizagens em que são vistas como neuro divergentes. As reflexões sobre esse olhar, buscam facilitar o trabalho dos profissionais da Educação resultando em um trabalho pedagógico inclusivo e integral, garantido pela legislação vigente. Conta com pesquisa bibliográfica sobre os aspectos da síndrome de down e o programa TEACCH assim como suas aplicações.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Aprendizagens; Desenvolvimento; Neuro Divergentes; Modelo TEACCH; Síndrome de Down.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem a intenção de instrumentalizar os profissionais da Educação, especialmente os que exercem a função de PAEE (Professor de Atendimento Educacional Especializado) na sua prática diária de parceria com demais docentes e principalmente, quando esses se deparam com entraves no processo de ensino e aprendizagem de crianças com Síndrome de Down e outras deficiências. Com a obrigatoriedade da garantia de acesso à Educação e com os dificultadores em se conseguir um apoio em sala de aula, muitos professores se veem obrigados a buscar por formação específica e informações sobre as diversas especificidades que encontram em sala de aula. A Síndrome de Down é a mais conhecida delas e com o passar dos anos, também houve um aumento exponencial das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) / Superdotação, que antes eram invisibilizadas dentro da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Segundo a PORTARIA SME Nº 8764/2016 - SME, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2016 que regulamenta o Decreto 57.379 de 13 de OUTUBRO de 2016, que institui no Sistema Municipal de Ensino a Política Paulistana de Educação Especial, na Perspectiva da educação Inclusiva:

“A educação especial é uma modalidade de ensino não substitutiva ao ensino regular, que perpassa todas as etapas e modalidades do Sistema Municipal de Ensino, e será ofertada em consonância com a legislação vigente e com os documentos desta Secretaria.”

---

A legislação municipal, dispõe ainda sobre o Atendimento Educacional Especializado nas Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino e versa que é função do PAEE (Professor de Atendimento Educacional Especializado) articular-se e instrumentalizar os professores regentes, inclusive na reestruturação de material de apoio para a prática pedagógica.

Os modelos de alfabetização estão presentes no meio educacional para promover o aprendizado da leitura e da escrita, e existe uma variedade deles disponíveis para que se dê o processo da alfabetização, como por exemplo, o fônico, o tradicional (memória), o sociointeracionista e o TEACCH, que é considerado pelos estudiosos da área como um programa, e não um modelo. Porém, ainda há questionamento por meio de educadores e outros profissionais envolvidos com a educação sobre qual desses modelos é o mais indicado para alfabetizar tanto em casos gerais, crianças neurotípicas, ou específicos, como aquelas que possuem necessidades especiais para que ocorra o aprendizado de forma significativa e eficiente.

A Psicopedagogia é a ciência que tem como objetivo central compreender como ocorre a aprendizagem dos seres humanos, oferecendo suportes teóricos para analisar as dificuldades que os sujeitos encontram para aprender (PORTO, 2007). Nesse caso, a atuação do PAEE (professor de atendimento educacional especializado) apresenta relação direta com o processo de aquisição da leitura e escrita, podendo então refletir e intervir sobre os problemas de aprendizagem que surgem durante a aquisição da linguagem como forma de melhorar e contribuir para a qualidade de ensino nas classes de alfabetização (TEBEROSKY, 2012).

No período em que ocorre o processo de alfabetização, as maiores dificuldades de aprendizagem relatadas, são constantemente relacionadas à leitura e à escrita (ABREU, 2006). Essas dificuldades geralmente são percebidas quando a criança começa a ser alfabetizada aos seis anos de idade e elas se manifestam de diversas formas, como por exemplo, a disortografia, disgrafia, trocas ortográficas que podem ser superadas no decorrer do período de alfabetização como no caso de trocas fonêmicas simples ou perdurar por toda uma vida como uma dislexia.

Segundo FREITAS (2009) a aquisição da leitura e escrita é complexa e ao mesmo tempo, um fator propiciador e essencial para aprendizados futuros, por exemplo, da matemática, geografia, história, artes etc. Muitos estudos afirmam a relevância da alfabetização na experiência escolar como uma fase de grande importância e interesse por parte de educadores, pais e profissionais relacionados com a educação, como por exemplo, o psicopedagogo institucional, que trabalha diretamente com o processo de aprendizagem e conseqüentemente a alfabetização (ABREU, 2006). Dessa forma, destaca-se a necessidade da ampliação do conhecimento por parte do professor regente, acerca dos modelos de alfabetização disponíveis e que ainda hoje são utilizados nas escolas, reconhecendo e pesquisando mais sobre estes. Dentre os modelos utilizados para a alfabetização das nossas crianças, podemos citar: o modelo fônico, que ressalta as correspondências grafofônicas, ou seja, a relação direta entre o som da fala e a escrita; o modelo tradicional, que tem como objetivo a associação grafema-fonema e é focado na memorização por meio de exercícios e

as aulas são expositivas; o modelo sociointeracionista, que tem como suporte a ação pedagógica na apresentação de atividades significativas e desafiadoras que ajudam no aflorar dos conhecimentos do grupo permitindo a ampliação do universo simbólico dos sujeitos; e o programa TEACCH, que tem como objetivo facilitar a aprendizagem das crianças neurodivergentes nas áreas da linguagem, habilidades, comportamento e comunicação. Ao qual nos ateremos nessa pesquisa com foco na utilização como instrumento facilitador do ensino de crianças com Síndrome de Down e outras deficiências.

A compreensão dos modelos de alfabetização também auxilia o professor de atendimento educacional especializado (PAEE) a realizar orientações adequadas aos professores regentes no ambiente escolar, visando à realização de adaptações curriculares para crianças com deficiência, pois estas precisam de intervenções voltadas para atender às suas necessidades, adaptações essas, compostas de estratégias específicas que irão facilitar a aprendizagem delas. As patologias com maior incidência de adaptação curricular são deficiência intelectual, deficiências provenientes de lesões cerebrais, autismo, deficientes auditivos, deficientes visuais, síndrome de down, entre outras (FISCHER, 2001).

Diante disto, nota-se que a percepção sobre os modelos de alfabetização é de grande valia para os profissionais da Educação que auxiliam de forma multidisciplinar os educandos, no entanto, são poucos os profissionais que têm consciência sobre os modelos e de como utilizá-los nas escolas, esquecendo-se da grande utilidade desse conhecimento para a sua formação deixando apenas nas mãos dos educadores (ARFELLI, 2000).

## **A SÍNDROME DE DOWN**

O que é a Síndrome de Down e quais as especificidades da síndrome?

A Síndrome de Down é uma doença genética, e pode ser diagnosticada ainda in útero através de exames de ultrassom e que depois podem ser confirmados com exames mais invasivos como amniocentese e a biópsia do viló corial, ambos com o risco de interrupção da gestação. Atualmente a bibliografia diz que ela pode ocorrer de três modos diferentes:

- Em 96% dos casos, essa trissomia se apresenta de forma que todas as células apresentam um cromossomo 21 extra.
- Os outros 4% dos casos, se dividem em dois:
  - 1) Os indivíduos não têm todas as células afetadas pela trissomia, sendo denominados como casos "mosaico" (entre 0,5 - 1%)
  - 2) Desenvolvem a síndrome de Down por translocação gênica (entre 3,0 - 3,5%), caso em que parte ou todo o cromossomo 21 extra se encontra ligado a um outro cromossomo, geralmente o cromossomo 14.

As principais complicações clínicas que acabam por interferir no desenvolvimento global da criança são alterações cardíacas, hipotonia, complicações respiratórias e alterações sensoriais, principalmente relacionadas à visão e à audição. Já quando falamos na parte cognitiva e danos neuronais, que são menos comuns do que as patologias clínicas, diversos estudos tentam atestar as diferenças genéticas e seus desdobramentos. Nos estudos de RONDAL e COMBLAIN (1996) versa-se sobre as diferenças no potencial intelectual e nas

---

habilidades de linguagem entre os portadores de mosaicismos e os portadores da forma típica da síndrome, atribuindo essa diferenciação a um menor número de células neurais afetadas, no caso do mosaicismo; o que apóia as concepções mais freqüentemente encontradas. Já nos estudos de LESHIN e JACKSON-COOK (1996) não se versa sobre diferenças significativas entre os grupos da Síndrome, apenas que crianças com o mosaicismo engatinharam e desenvolveram a marcha mais cedo, porém diferenças no processo cognitivo não foram encontradas.

Os estudos de BUCKLEY e BIRD (1994) levantam algumas características relevantes e relacionadas ao desenvolvimento cognitivo nos primeiros 5 anos de vida da criança com síndrome de down:

- O atraso no desenvolvimento da linguagem resulta em um vocabulário mais reduzido, o que, dificulta a comunicação e a expressão oral, levando o professor a pensar em um atraso cognitivo que não necessariamente corresponde à realidade;
- Essas mesmas alterações linguísticas também poderão afetar o desenvolvimento de outras habilidades cognitivas, pois há maior dificuldade ao usar os recursos da linguagem para pensar, raciocinar e lembrar informações;
- A bibliografia na área tem atestado que crianças com a Síndrome de Down apresentam uma capacidade de memória auditiva de curto-prazo mais breve, o que dificulta o acompanhamento de instruções faladas, especialmente se elas envolvem múltiplas informações ou ordens/orientações consecutivas. Essa dificuldade pode, entretanto, ser minimizada se essas instruções forem acompanhadas por gestos ou figuras que se refiram às instruções dadas. (com o uso de Pranchas de Comunicação ou Atividades Formatadas com o modelo TEACCH, por exemplo);
- Nesse sentido, por apresentarem habilidades de processamento e de memória visual mais desenvolvidas, podem ser beneficiadas por recursos pedagógicos visuais;
- É imprescindível que às crianças com a Síndrome de Down seja dada toda a oportunidade de mostrar que compreendem o que lhes foi dito/ensinado, mesmo que isso seja feito através de respostas motoras como apontar e gesticular, se ela não for capaz de fazê-lo exclusivamente de forma verbal.

Aliando essas informações com a nossa prática docente, é fato atestar que mesmo com a parte cognitiva preservada, a parte mais difícil no processo escolar de uma criança com síndrome de down se deve a baixa frequência decorrente do tratamento de outras patologias relacionadas à síndrome. Com isso, utilizando um modelo diferenciado e que se torne atrativo para a criança, contemplando as suas habilidades (no caso a visual) a compensação do tempo de ausência se dará de forma mais eficiente e lúdica, contribuindo para a aceitação da criança às atividades.

## **O QUÊ DIZ A LEGISLAÇÃO VIGENTE SOBRE A GARANTIA DE ACESSO**

"É através da aprendizagem formal sistemática, oferecida pela escola, que o indivíduo é inserido na sociedade de forma mais sistematizada, tanto culturalmente quanto simbolicamente". (VISCA, 1988 *apud* BOSSA, 2000 pg 91).



O ensino inclusivo veio para que todos tenham a oportunidade de estar na escola, interagindo na sociedade, sem discriminação. Todos são beneficiados com a inclusão, alunos, professores e comunidade. Para isso todos devem estar envolvidos e empenhados na realização efetiva desta inclusão. Antes eu pensava que eram poucos os benefícios, mas, agora vejo de outra forma a inclusão.

As crianças deficientes entram na escola meio resabiadas, e como todas as crianças, com o tempo irão se transformando. O desenvolvimento é notório, a melhora na linguagem, na coordenação motora, na locomoção, na socialização, entre outras habilidades que são desenvolvidas no ensino regular, visando sempre a autonomia. Os colegas da sala ajudam nesse desenvolvimento, por meio da interação entre eles e os cuidados que têm com todas as crianças, sem exceção, não caindo no capacitismo. As crianças aprendem com os colegas, professores e funcionários da escola. É sempre um grande avanço a socialização e o preparo para a vida. Seriam essas as características de inclusão que norteiam as nossas leis, para que a criança deficiente tenha antes de tudo, garantido seu acesso, ao ensino e a rotina escolarizada?

Esses avanços são mais complicados de se notarem, quando pensamos em alfabetização, assim como muitas crianças neurotípicas, nem todas as crianças com deficiência conseguem se alfabetizar e acredito que grande parte das dificuldades são devidas à falta de formação específica do professor regente e à qualidade dos materiais e das escolhas feitas para que aconteça o processo de ensino diferenciado.

A educação está sempre se modificando, “o que era antes hoje não é mais”. Mas podemos resgatar o antigo, pois não podemos ser radicais ao ponto de descartar por completo o que já foi útil aos alunos. A educação é complexa e cheia de incertezas. “Não, sim, talvez”, às vezes devemos usar um modelo considerado antigo para atingir alguns alunos. Consideramos a família como uma forte aliada para o desenvolvimento da inclusão, para isso nós professores, devemos transmitir segurança e dedicação para esta família. Devemos encarar a inclusão de forma real, com dificuldades e aprendizado, tanto para a criança, escola e família. Nem sempre a escola possui recursos necessários para atender as crianças com deficiência, então vamos solicitar à escola e improvisar, adequar. Para isso, precisamos de exemplos, formação.

Os professores devem se esforçar ao máximo para isso e estarem motivados, realizando diversos cursos, participando de palestras, discutindo dentro da própria escola com os colegas, como melhorar a didática e recursos para melhor atender essas crianças, ensinando a valorizar e respeitar o diferente, proporcionando experiências e apoio educacionais adequados, contando com uma rede de apoio, de profissionais especializados como: médicos, assistente social, psicólogo. Através da Educação Maior é que a Educação Especial ganha espaço e garante que todos devem ter direito à educação, igualdade e não a discriminação ou segregação. Dando norteamento e Lei, para a Educação Menor.

Segundo a Lei nº 13.146 de 06/07/2015 diz:

“Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos

---

direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”.

“Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”.

“Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação”.

Na sala de aula os professores se deparam com vários problemas, dificuldades e muitas vezes oferecem resistência, talvez pelo despreparo e falta de recursos para uma efetiva inclusão. Talvez, muitas vezes, pelo estranhamento e receio de errar.

A Educação Maior é o professor profeta que anuncia a Lei Macropolítica. Educação Menor é o professor militar que produz em sala de aula, Micropolítica, nas relações com os alunos, que garante a autonomia e autoria de pensamentos dos professores e alunos. Mas uma completa a outra, as duas são importantes para a educação especial, dando parâmetro e direção.

Porém, falar em formação e deixar tudo a cargo do professor regente e sua disponibilidade (de horários e financeira) não é justo, nem ideal, já que a legislação enfatiza também, o papel da Escola na garantia não apenas do acesso ao ensino como também, uma educação de qualidade e que contemple as necessidades específicas das crianças incluídas.

Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de fevereiro de 2001:

- Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na educação Básica, e implica família e demais serviços dentro das áreas da saúde, assistência social, trabalho, justiça e esporte, na inclusão escolar e social do educando.
- Enfatiza a importância da educação infantil, pela garantia de que a criança com necessidade de uma educação especializada possa ser incluída na escola regular, mediante uma reorganização da escola, no sentido de oferecer a todos uma educação de qualidade.

A responsabilidade da escola é marcada, como vemos a seguir:

Art. 8º As escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes comuns:

- I - professores das classes comuns e da educação especial capacitados e especializados, respectivamente, para o atendimento às necessidades educacionais dos alunos;
- II - distribuição dos alunos com necessidades educacionais especiais pelas várias classes do ano escolar em que forem classificados, de modo que essas classes comuns se beneficiem das diferenças e ampliem positivamente as experiências de todos os alunos, dentro do princípio de educar para a diversidade;

- III - flexibilizações e adaptações curriculares que considerem o significado prático e instrumental dos conteúdos básicos, metodologias de ensino e recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação adequados ao desenvolvimento dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, em consonância com o projeto pedagógico da escola, respeitada a frequência obrigatória.

## O PROGRAMA TEACCH E A SUA APLICABILIDADE

O *Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children* popularmente conhecido como TEACCH é um modelo de ensino voltado especificamente para atender pessoas autistas ou com dificuldades em comunicação, e é o mais utilizado no Brasil no caso específico dos autistas, o que nos leva a pensar na sua aplicabilidade com crianças com as mais diferentes especificidades. Foi desenvolvido pelo Dr. Eric Schopler e seus colaboradores no início de 1970, na Universidade Carolina do Norte. O psicopedagogo é o profissional que mais utiliza esse modelo em sua atuação, pois é um programa cujo objetivo principal é tentar responder às maiores necessidades do aluno para facilitar o processo de ensino aprendizagem. Desse modo, por ser visto como um modelo facilitador da aprendizagem, o mesmo aborda as áreas mais comprometidas do autista, que são o comportamento, habilidades, comunicação e linguagem (MELLO, 2007).

A metodologia do programa TEACCH, por sua vez, é recheada de dinamismo e ludicidade, o que o torna bastante atraente e agradável para qualquer criança. Através desses aspectos é possível criar estratégias que possibilitem à criança conquistar várias habilidades, e uma delas é a de interagir de forma aceitável, desenvolvendo a comunicação para se relacionar com outras pessoas, despertando assim a autonomia. Outro ponto de destaque encontrado no TEACCH é a capacidade de ele provocar uma diminuição dos sintomas do autismo, fazendo, por exemplo, com que durante as atividades de vida diária, a criança autista apresente mais autonomia e tolerância frente a atividades e papéis que antes lhe pareciam bastante difíceis e complicados. Dessa forma consegue-se acrescentar qualidade de vida tanto para a criança, quanto para todos que convivem com ela (KWEE, 2006).

Posto isso, pensemos na aplicabilidade do programa para qualquer criança em idade escolar e seus desdobramentos e benefícios.

O programa foi inicialmente utilizado pelo serviço de saúde pública da Carolina do Norte (EUA) como instrumento facilitador do processo de ensino de crianças autistas, o modelo TEACCH quando utilizado na educação especial de crianças com Síndrome de Down apresenta ótimos resultados por sua simplicidade, assim como as Pranchas de Comunicação Visual.

O TEACCH utiliza os princípios da organização, da rotina, estruturação de tarefas, material visualmente focado e pedagogicamente enriquecido, relações de causa e efeito, comunicação alternativa (com pranchas ou não), espaço e delimitações físicas, eliminação de estímulos concorrentes e controle do comportamento. (FONSECA e CIOLA, 2014, p. 34). Sendo indicado não só para autistas como para qualquer pessoa com dificuldades de comunicação. Apresenta-se como um modelo de intervenção, pois ele permite que a criança crie estruturas internas, por meio de uma estrutura externa apresentada, que depois se

transformarão em estratégias pela própria criança, que as utilizará também fora da sala de aula em ambientes menos estruturados.

A seguir alguns exemplos de recursos visuais incluindo atividade do modelo TEACCH.



(Prancha de Comunicação)



(Atividade sobre Vogais TEACCH)



(Atividade de contagem e reconhecimento numeral)

### ADAPTABILIDADE DOS MATERIAIS

Com as modificações recentes na legislação vigente, é papel do PAEE orientar e articular-se com o professor regente, quanto à elaboração e reestruturação de materiais que podem ser usados como instrumento facilitador do processo de aprendizagem. A seguir alguns exemplos da rede pública municipal de São Paulo de materiais utilizados para trabalhar alfabetização, como também conceitos matemáticos como adição e numeral x quantidade.

Fotos do meu acervo pessoal:





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com estas reflexões, pretende-se concluir, que a aplicabilidade do programa TEACCH é viável em qualquer esfera do Ensino uma vez que os casos de sucessos com crianças autistas, considerada uma condição muito mais comprometedora globalmente do que a Síndrome de Down, nos aponta para essa direção. Partindo da premissa que o modelo é um facilitador para indivíduos com algum comprometimento, ele também pode ser uma ferramenta facilitadora do trabalho para casos regulares, em que não há nenhuma forma de comprometimento, facilitando o trabalho docente, mesmo com crianças neurotípicas.

No presente trabalho, foram fornecidos dados para pesquisa e conhecimento da síndrome e do programa, como também, ideias de adaptação de materiais que podem ser usados no dia a dia. Neste contexto, as estratégias educacionais se tornam fundamentais para o crescimento do aluno, a satisfação do professor e o bem-estar de toda a família envolvida.

Acreditando que este estudo pode contribuir aos programas de intervenção nas escolas, uma vez que esboça um aspecto de atenção relevante, a questão da interação social das crianças, os materiais facilitadores e o espaço que esta área está ocupando no planejamento educacional destas práticas, novas investigações se fazem necessárias quanto a aplicação deste programa de ensino e sua eficácia na educação regular do Brasil, pois, a principal limitação da pesquisa, foi a escassez de bibliografia sobre esse modelo educacional e principalmente sobre a aplicabilidade deste modelo na rede regular de ensino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, E. M. **Psicopedagogia e alfabetização**. Goiás: Saraiva, 2008.
- ARFELLI, J. C.V. **A importância do conhecimento do Psicopedagogo voltado para o modelo de alfabetização e os distúrbios de aprendizagem**. São Paulo: Artmed, 2000.
- CAPOVILLA A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Alfabetização: modelo fônico**. São Paulo: Memnon, 2003.
- CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Problemas de leitura e escrita: Como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica**. 4. ed. São Paulo: Memnon, 2004.
- EL-HANI, C. N.; BIZZO, N. M.V. **Formas de Construtivismo: Teoria da mudança conceitual e construtivismo contextual**. São Paulo: Atlas, 1999.
- FERREIRO, E. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 2003.
- FERNÁNDEZ, A. **Os idiomas do Aprendente: Análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FISCHER, J. **Uma abordagem prática neuropedagógica como contribuição para a alfabetização de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais**. Florianópolis: Artmed, 2001.

---

FONSECA, Maria Elisa; CIOLA, Juliana de Cássia. **Vejo e aprendo: Fundamentos do Programa TEACCH. O Ensino Estruturado para Pessoas com Autismo.** 1º edição. Book Toy, 2014.

GIL, A. C. **modelos e técnicas de pesquisa social.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LABURÚ, C.E.; CARVALHO, M.; BATISTA, I.L.; **Controvérsias construtivistas.** Londrina: Cultura acadêmica, 2001.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo: guia prático.** 5 ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. 104 p.: il.

NOAL, D. G.; NAUJORKS, M. I. **Inclusão: contribuições da teoria sócio-interacionista à inclusão escolar de pessoas com deficiência.** Santa Maria –RS, 2006.

KWEE, C. S. **ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR NO AUTISMO: O programa Teacch.** Rio de Janeiro: Anped, 2006.

OLIVEIRA, E. S. G. **O PROCESSO DE APRENDIZAGEM EM UMA PERSPECTIVA SÓCIO – INTERACIONISTA: Ensinar é necessário, Avaliar é Possível.** Rio de Janeiro: Artmed, 2004.

SEIXAS, C.P.; **RELEVÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.** Sergipe: Liber livro, 2012.

TEBEROSKY, A.; **Psicopedagogia da linguagem escrita.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

VENTURA, L.; RIZZATTI, M. E. **Alfabetização: Os modelos tradicionais.** Florianópolis: Vozes, 2003, p. 32.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Sites visitados:

Prefeitura de São Paulo: Portaria SME 8.764 de 2016:

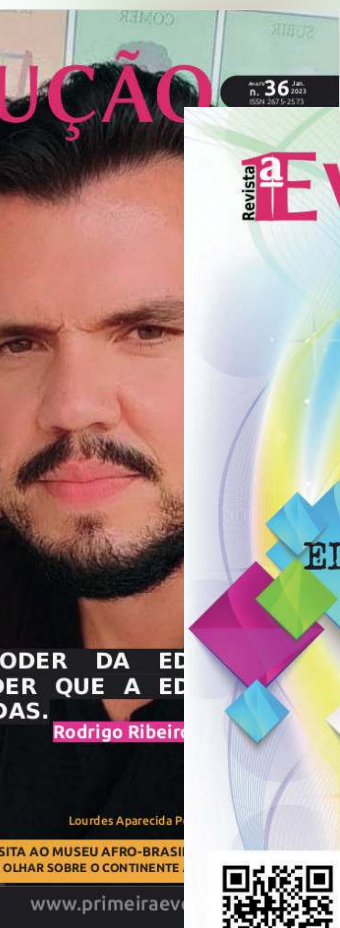
PORTARIA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - **SME Nº 8.764 DE 23 DE DEZEMBRO DE 2016** « Catálogo de Legislação Municipal ([prefeitura.sp.gov.br](http://prefeitura.sp.gov.br))

Última consulta em 13 de Fevereiro de 2023.

**L13146** ([planalto.gov.br](http://planalto.gov.br)) - Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Última consulta em 13 de Fevereiro de 2023.

**Mirella Clerici Loayza** - Especialização em Docência da Matemática no Ensino Fundamental – PED Brasil. Faculdade SESI de Educação. São Paulo. SP. Brasil. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.



**ORGANIZAÇÃO:**  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

**AUTORES(AS):**  
Alecina do Nascimento Santos  
André Luiz Dias Leite  
Denise Teixeira Menezes  
Elizabeth Hama Francisco / Luís Venâncio  
Flavia Florencio de Farias  
Jucira Moura Vieira da Silva  
Juliana Godoi Marques  
Leila da Silva Siqueira  
Marlene da Silva  
Mirella Clerici Loayza  
Nair Dias Ramos  
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza  
Rita de Cássia Martins Serafim  
Vera Lucia Meneses de Lima Marques  
Vilma Cavalcante Sabino da Silva



Produzida com utilização de softwares livres



[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

